

A personagem prostituta: O estereótipo no cinema nacional e nas reportagens televisivas¹

Larissa VITORIANO²
Nádia LEBEDEV³

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, SP

Resumo

O objetivo desse artigo é investigar como a personagem prostituta é construída nas produções nacionais cinematográficas e nas reportagens televisivas. Trata-se de um estudo comparativo sobre os estereótipos contidos nas personagens selecionadas, a fim de apresentar uma visão crítica acerca da representação midiática dessas mulheres em seus diversos papéis sociais e refletir os efeitos sociológicos do público perante as mensagens sobre as prostitutas.

Palavras-chave

Construção de personagem; Estereótipo; Prostituição; Televisão; Cinema nacional.

1 Introdução

A prática da prostituição está geralmente ligada a fins comerciais, contudo, esta atividade extrapola questões políticas, sociais, econômicas e midiáticas. Por não ser regulamentada no Brasil, é difícil estimar um número exato de quantas mulheres usam a prostituição como meio de sobrevivência no país. Considerada a profissão mais antiga do mundo, segundo o próprio senso-comum, a história de lutas sociais pela sua regulamentação teve início nos anos 70:

É no bojo do surgimento dos movimentos sociais de defesa dos direitos de prostitutas e da proposição de ressignificação da prostituição, ou melhor dizendo, do “trabalho sexual”, como “um trabalho como outro qualquer”, a partir de meados da década de 1970, que emerge o termo “trabalhadores do sexo” ou profissionais do sexo. (RODRIGUES apud ROBERTS, 2009, p. 69).

¹ Artigo produzido no programa de Iniciação Científica da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação e submetido à aprovação na II - Divisão Temática 4 Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Autora. Estudante de graduação do 6º semestre de Comunicação Social – Jornalismo na FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, email: larissavitoriano@hotmail.com

³ Orientadora. Docente dos cursos de Comunicação Social e Filosofia na FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, email: nadialebedev@gmail.com

As razões que levam os indivíduos a realizar a prática da troca de dinheiro por prazer sexual são inúmeras, principalmente nas periferias das grandes metrópoles brasileiras, onde a desigualdade social é evidente. Como forma de sustento momentâneo e rápido, muitas mulheres optam pela prostituição para que supram suas necessidades financeiras, iniciando muitas vezes ainda adolescentes, por influência de pessoas próximas ou como uma “válvula de escape”.

Não é difícil de enumerá-los: são, em grande parte, os mesmos que os levam à delinquência: miséria sob todas as suas formas, família indigna ou desajustada, solidão, promiscuidade do cortiço, debilidade mental. [...] Seria possível enumerar mais outras causas da prostituição: além das causas gerais, cada situação local dá origem às causas particulares. Todas podem se resumir em uma palavra: a miséria, sob todas as suas formas. (LAGENEST, 1973, p.20).

Os meios de comunicação, em suas produções jornalísticas, realizam produtos midiáticos que possuem como personagens principais as mulheres prostitutas, a fim de levar ao público temas tratados ainda como tabus pela sociedade. As personagens que constam nas reportagens televisivas selecionadas para este artigo possuem essas características: exercerem a prostituição como forma de sustento, por necessidade social, do advento da precariedade, pobreza ou falta de estrutura familiar. Na reportagem da TV Globo, do programa *Profissão Repórter: Mulheres que vivem da prostituição*, a personagem Ceni, 54 anos, pratica a prostituição como forma de arrimo da família: netos, filhos e esposo, mesmo como uma senhora de idade já avançada. Tal como Rodrigues (2009) aponta em sua reflexão, inúmeros conflitos permeiam as relações entre os profissionais do sexo, como a procura por pontos, a divulgação para a sociedade civil, além da disputa por clientes e a relação com a família. Na cinematografia, personagens da ficção também apresentam ao espectador essa realidade conflituosa da prática sexual como forma de sustento, no que diz respeito à família da profissional. No drama brasileiro *O Céu de Suely* (2006), do diretor Karim Ainouz, a personagem Hermila, torna-se prostituta pelo fato de ter sido abandonada pelo marido, com o filho ainda bebê no interior do Pará. Percebendo não possuir bens para o sustento do mesmo, vê na prática uma forma de salvação financeira rápida.

2 O estereótipo

O meio cinematográfico e televisivo, como forma de oferecer conteúdo, entretenimento e informação ao público, possuem como base fundamental a escolha dos

temas abordados os personagens em geral, sejam eles ficcionais ou não. A busca pela história a ser narrada, faz com que a direção, ou seja, os profissionais que angulam o material conforme a sua proposta, realizem os produtos midiáticos de forma estereotipada.

Um padrão de estereótipos não é neutro. Não é meramente um jeito de substituir ordem por exuberante, ruidosa confusão de realidade. Não é meramente um curto-circuito. São todas essas coisas e algo mais. É a garantia de nosso auto-respeito, é a projeção sobre o mundo de nosso sentido, do nosso próprio valor, nossa própria posição e nossos próprios direitos. Os estereótipos estão, portanto, altamente carregados com os sentimentos que estão presos a eles. (LIPPMAN, 2008, p.97).

Na História, o estereótipo emergiu como reflexão sobre o governo democrático, como a função específica da comunicação nos anos 1920, e têm seu advento na II Guerra Mundial pelo uso demorado de veiculação de imagens padronizadas. A partir do momento que o estereótipo teve sua ascensão nos meios de comunicação em geral, diversos teóricos estudaram o fenômeno, pela influência que este teria sobre o público sobre as representações humanas.

Sander L Gilman delimita, em *Difference and pathology* (1985) três categorias de estereótipo, que frequentemente se sobrepõem: sexualidade, raça e loucura, que discutem, sobretudo, estereótipos de negros e judeus. Afirma que o estereótipo é necessário, provisoriamente, para o indivíduo proteger-se de seus próprios medos, localizando a fonte desses medos em algo externo. Uma ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de uma visão convencional, simplificada e formulista. Na sua acepção atual, nos estudos meios de comunicação, o termo foi introduzido por Walter Lippman, no livro *Public Opinion* (1922), quando discute como os fatos ou a informação não conseguem se sobrepor as ideias preconcebidas. (SOVIK *apud* FILHO, 2014, p.127).

O jornalismo televisivo, tendo a convencionalidade de apresentar ao telespectador padrões sutis de comportamento como forma de informação com rápida absorção, edita e direciona seu material através dos estereótipos já pré-concebidos socialmente, geralmente por ser uma mídia que demanda pouco aprofundamento no desdobramento do seu material, ocasionado, muitas vezes, pelo tempo delimitado. De acordo com Stanislavski (2009), tudo isso são clichês generalizados, visando representar personagens. São tirados da vida real, existem de fato, mas não contém a essência de uma personagem, não são individualizados.

3 A construção do personagem

Compreende-se por personagem um ser atuante que utiliza seu corpo como instrumento de personificação para uma história ou obra. Podem ser encontradas em vários tipos de produções, como na literatura, na música, nos videogames, etc. Já no teatro, na televisão e no cinema, são interpretados geralmente por atores, com a inserção de características humanas nas representações, como uma criação da imagem do personagem ficcional ou real apresentado ao público.

A caracterização, quando acompanhada de uma verdadeira transposição, é uma grande coisa. E como o ator é chamado a criar uma imagem quando está em cena e não simplesmente a se pavonear perante o público, ela vem a ser uma necessidade para todos nós. Noutras palavras, todos os atores que são artistas, os criadores de imagens, devem servir-se de caracterizações que os tornem aptos a se encarnar nos seus papéis. (STANISLAVSKI, 2009, p.60).

As técnicas de preparação dos atores para uma personagem interferem em demasiado na concepção do universo ali representado. Realizar laboratórios anteriormente é uma forma de imergir na vivência que será exposta ao público. Como captar suas particulares e minúcias afim de internalizá-las com a experiência externa, é algo fundamental para os estereótipos serem evitados. Tal como Stanislavski (2009), isto significa, ainda, que não pode haver atuação, movimento, gesto, pensamento, fala, palavra, sentimento etc, sem a sua devida perspectiva.

3.1 Personagem no cinema

O processo de construção do personagem na cinematografia é incubido ao criador do enredo ou da estória. Pode ser baseado em fatos reais ou em características de um determinado grupo social específico, onde há miscigenação do real com o ficcional, ou seja, uma personalidade aplicada na narração.

Outros três termos que devemos levar em conta no desenho do perfil de uma personagem são: veracidade, verossimilhança e realidade. Sendo as personagens seres ficcionais, elas não são reais, todavia devem ocasionar a sensação de realidade com porções de verossimilhança e alguma veracidade. (COMPARATO, 2009, p.68).

O cinema, por se comprometer a desenvolver o roteiro durante um tempo determinado, sem pausas para publicidade, como os intervalos comerciais existentes na televisão, faz com que o espectador mergulhe de maneira mais profunda ao enredo, a fim de

ter sensações mais reais e um contato mais “tátil” ao material. Além de, durante o período dedicado a assistir o filme, absorver de maneira mais densa os conteúdos ali expostos.

A televisão é então um meio de comunicação muito diferente do cinema porque, entre outras coisas, vive da venda de cada minuto de programação, isto é, transforma em valor comercial seu tempo de emissão. Para cada minuto existe um investimento, um preço, uma tabela e, sobretudo, um lucro. (FILHO, 2002, p.18).

As diferenças na abordagem dos personagens nos meios de comunicação é algo evidente, pois cada um possui um propósito específico com o seu público alvo e o horário de transmissão. O cinema introduz ao espectador a sensação de aprofundamento, reflexão e dedicação ao conteúdo, diferentemente das outras mídias.

3.2 Personagem na televisão

Na televisão é apresentado ao telespectador personagens reais nas reportagens jornalísticas. Determina-se um tema específico e, desmembra-o de forma com que se deva apresentar os vários ângulos e ramificações do assunto, objetivo principal dos materiais jornalísticos que idealmente, devem passar ao público as várias visões sobre o mesmo fato. Os personagens escolhidos, ou as fontes selecionadas, são determinadas pela escolha do editor, de forma que a seleção das falas e ordem das apresentações sejam claras ao público, realizada desde a preparação da pauta até a edição final do material.

Personalização ou personificação é outro mecanismo jornalístico, pelo qual atribui-se a uma pessoa (um político, um líder sindical, um marginal) a responsabilidade de um fato, quando, na verdade, ele é produto de um conjunto maior, de uma instituição ou mesmo de toda a sociedade. (FILHO, 2002, p. 55).

Ao realizar uma reportagem, é proposto apresentar ao público as várias vertentes ligadas ao personagem: como seus diversos papéis sociais, ou seja, o de mãe, de cidadã, de filha, de esposa, etc. Contudo, pela angulação de materiais jornalísticos tipicamente estereotipados, ao menos no que foi possível perceber nas análises feitas ao longo dessa pesquisa, é priorizado determinar apenas uma visão, de forma com que não desperte ao espectador uma visão crítica particular, onde ele decidirá sua opinião sobre a prática da prostituição e as suas influências perante a construção do perfil dessa mulher. Com concepções generalizadas e estereotipadas, a televisão acaba por produzir materiais fracos

intelectualmente e restritos a apenas um papel social que a mulher em questão possui, sem englobar todo o seu universo ou o porquê dela estar nessa situação.

4 Análise dos filmes e reportagens

A seleção das personagens prostitutas nos filmes e nas reportagens para essa pesquisa foi determinada pelas representações que elas compõem sobre a realidade social das mulheres prostitutas nas periferias brasileiras. Em um país onde há desenvolvimento, mas que não chega de forma igualitária a todos, principalmente nas regiões mais escassas de investimento intelectual, como escolas ou universidades, as personagens ficcionais e reais mesclam estereótipos e ideais pré-formulados nos produtos midiáticos. O cinema e a televisão possuem formas muito distintas de apresentar mensagens ao espectador/telespectador. Mesmo sendo mídias audiovisuais e as mais aderidas pelo brasileiro, há um posicionamento mercadológico distinto em tratar assuntos.

Na TV, o telespectador pode, a qualquer momento, mudar de canal, e a emissora sofrer perdas com isso. Este pequeno detalhe, que na verdade é o principal na estrutura do programa de televisão, explica o porquê da TV não poder "gastar" o tempo do receptor. Contrariamente, o cinema, que já tem seu público assegurado pelo menos por uma hora e meia, tem a possibilidade de jogar de diversas maneiras com esse tempo. (FILHO, 2002, p.18).

4.1 Personagens dos filmes

Karina (Alice Braga), em *Cidade Baixa*, Suely (Hermila Guedes), em *O Céu de Suely*, e Lavínia (Camila Pitanga), em *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, são três personagens que para a academia cinematográfica, são bem construídas psicologicamente, com representações fidedignas aos seus diversos papéis sociais: mãe, mulher, esposa, filha, avó, amiga, cidadã, etc. O universo a cerca dessas mulheres ficcionais, são amplamente apresentados ao espectador ao estar exposto à mensagem dos filmes.

Evidentemente qualquer autor ou roteirista cria personagens dos dois tipos: complexas ou estereotipadas. O problema é quando se escreve apenas personagens flat, ou estereotipadas, e não se procura a satisfação de uma dramaturgia mais profunda. (COMPARATO, 2009, p.82)

Karina, uma prostituta que se vê dividida entre o amor de dois homens, que foram seus clientes - um fato recorrente no universo humano - mostra como a necessidade de uma

garota pobre de Salvador, na Bahia, realiza seu sustento, longe de todo e/ou qualquer apoio governamental ou social. A personagem tem uma linguagem calma, restrita, dócil e fica evidente que foi excluída de qualquer tipo de estudo ou acesso à escola. Usa roupas curtas, maquiagem forte e passa por situações que a deixa sem estrutura psicológica para resolvê-las, como a disputa entre os homens que ama e a profissão. Nos últimos minutos do filme, em uma cena conflituosa, Karina diz: “Vocês vão acabar se matando. [...] Eu estou indo embora.” Depois de uma briga entre os seus dois amores, a personagem chora compulsivamente e limpa os machucados no rosto de cada um, mostrando sua sensibilidade. O nordeste brasileiro e o dia a dia de diversas prostitutas são abordados em diversos planos, como a relação com homens estrangeiros e a perda da juventude precocemente. Cenas de prostitutas reais do centro baiano finalizam a obra, trazendo o telespectador a realidade evidente da cidade sobre o universo da prostituição.

Lavínia, uma ex-prostituta que atualmente é mulher de um pastor, é exemplo de como as marcas do passado na prostituição interferem diretamente no futuro das mulheres e das pessoas à cerca delas. A personagem revela seu passado para o pastor Hernani, que torna-se seu marido após largar a prostituição: “Lá na casa da minha mãe, eu acordei de repente, eu levei um susto, eu tentei gritar. Mas o ‘Sr Cachaça’ começou a apertar a minha garganta com força. Aí eu fiquei quieta. Ele só passando a mão. [...] Eu não conseguia me mexer, só tremendo de ódio. [...] Comecei a ter consciência. Aí fui embora de casa, caí no mundo, com catorze anos.” Enxerga nas ruas uma escapatória de fugir dessa realidade. Uma personagem com diversas fases, situações e momentos que traduzem o porquê da escolha de se tornar prostituta e as suas consequências, como a dependência química, o abandono dos próprios sonhos e a realidade das ruas.

Hermila, com o nome de prostituição como Suely, opta pela prática após ser abandonada pelo marido com a promessa de volta para a terra natal, no interior do Pará, nordeste brasileiro. Com o filho bebê, vê na venda de uma rifa com o título, “Uma noite no paraíso”, ou seja, um programa sexual, a escapatória e apoio financeiro para a criação do bebê e a fuga para a busca de um novo trabalho em outra cidade. Em uma conversa com a sogra, a personagem se emociona e apresenta o disparate social entre as regiões do país e o abandono da juventude precocemente: “E a senhora acha justo eu cuidar dessa criança sozinha? A sogra responde: - Meu filho tem só 20 anos. Você sabe o que é isso.” Em um local no interior do país, onde não há muitas opções de trabalho, os postos de gasolinas e as

estradas brasileiras possuem como plano de fundo na produção cinematográfica, enfatizando um local em que a distribuição de renda e o investimento educacional são precários.

4.2 Personagens das reportagens televisivas

Soninha Catatau, em “*Ronald Rios visita o bairro onde só vivem prostitutas*”, da TV Bandeirantes, Ceni, em “*Mulheres que vivem da prostituição*”, na TV Globo, e Mariana, em “*O avesso da noite: prostituição*”, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), são três personagens que baseiam as reportagens televisivas selecionadas e que, por ter uma angulação fortemente desproporcional aos diversos papéis sociais que essas mulheres possuem na sociedade, soam frívolas e pouco aprofundadas.

Soninha Catatau tem 53 anos e possui a prostituição como seu sustento e de seus dois filhos há 25 anos. Ela vive e trabalha em um bairro periférico, chamado Itatinga, na cidade de Campinas, em São Paulo, conhecido por ser a região com mais casas de prostituição no Estado. Com uma reportagem tipicamente cômica, o repórter do programa *CQC, Custe o que Custar*, da *Tv Bandeirantes*, encaminha a matéria em busca de histórias engraçadas ocorridas com a personagem, como clientes, experiências e programas peculiares no universo prostituição. Antiga moradora de rua e mãe solteira logo jovem, Soninha optou pela prostituição por falta de escolha, conforme relata na reportagem. Emocionada, ela diz: “Eu deixei de ser a Soninha para ser o objeto sexual de alguém” mostrando sua fragilidade e sensibilidade, explorada pelo repórter Ronald Rios, sensacionalista, mostra cenas com closes específicos no corpo, nas roupas e no ambiente da reportagem.

Ceni, 54 anos, uma personagem dentre três da reportagem do programa *Profissão Repórter*, da *TV Globo*, é uma prostituta que necessita sustentar sua família com a profissão. Com três netos, uma filha e o genro, além do marido, a personagem mostra sua casa e a realidade de comprar comida para os netos com o dinheiro recebido após um programa. Toda a família sabe sobre a profissão de Ceni, e afirmam na reportagem ter orgulho dela. Em momentos extremos, a personagem fica constrangida e diz que irá largar a prostituição quando possuir outra forma de sustento, como um emprego fixo. Com perguntas íntimas e decisórias, a repórter Eliane Scardovelli explora momentos com a família para desmembrar a personagem e deixando o marido da personagem abalado:

“Sábado é dia de ficar com a família, e ela (Ceni) está indo para São Paulo fazer programa. Como é pro senhor? Qual o seu objetivo com isso?”. A reportagem finaliza com a repórter questionando a personagem sobre a sua prática, interferindo e deixando o papel de repórter, que apenas retrata a realidade.

Mariana, na reportagem do programa *Conexão Repórter*, do *SBT*, é a mistura da dramaturgia com a realidade. A direção propôs que a produtora do programa, uma jornalista, passasse uma noite como prostituta, frequentando locais conhecidos como pontos famosos e o vivenciasse, sem revelar para as outras prostitutas do local seu verdadeiro papel. O narrador da reportagem inicia apresentando a personagem: “Durante 20 dias nossa produtora deixa seu lado, seu papel de jornalista tradicional. Agora, ela é Mariana. Nome fictício para proteger sua identidade. Mariana é uma jovem garota de programa. Loira e bonita. Começa agora a caracterização.” Ou seja, é uma mera e rápida imersão no mundo das prostitutas com uma mensagem frívola aos telespectadores expostos a angulação da matéria. Nenhuma prostituta apresentada na reportagem é mostrada de forma clara, com perguntas que abordassem os seus diversos papéis sociais ou o porquê de estar ali. Há cenas de casas de prostituição, sem entrevistas ou desdobramentos maiores que recorram a complexidade ou explicação de estarem presentes e viverem da prostituição.

Há outra razão, além da economia de esforço, porque tão frequentemente nós sustentamos nossos estereótipos quando perseguimos uma visão mais desinteressada. Os sistemas de estereótipos podem ser os cerne da nossa tradição pessoal, as defesas de nossa posição na sociedade. (LIPPMAN, 2008, p.96).

O estereótipo, o falso aprofundamento e a angulação sensacionalista dos profissionais da comunicação ficam evidentes nessas reportagens.

4 Considerações finais

Os códigos morais e históricos são evidentemente presentes nos materiais jornalísticos e cinematográficos. Para Lippman, comportar-se como determina o código é servir a todo e qualquer propósito que o código segue. Nas representações das mulheres prostitutas na ficção e nas reportagens televisivas fica evidente que, através da sua forma de sustento e ter uma prática julgada como imoral para sociedade, elas não seguem o código. A origem dessas representações e angulações estereotipadas possui essa causa como consequência. No caso das reportagens, para não fugir dos padrões pré-estabelecidos socialmente e causar um desconforto ao espectador, a angulação e o pouco desdobramento

nos diversos papéis sociais que essas mulheres possuem, e a apuração sobre o porquê de realizarem a prática, não são desenvolvidas, e quando chegam a se aprofundar, utilizam do cunho sensacionalista e julgativo na apresentação dessas mulheres, estereotipando-as apenas como frívolas e pouco interessantes para o público, sem dar brechas para o telespectador absorver a mensagem e construir a sua própria visão sobre a prostituição.

Personagem vem a ser algo como personalidade e se aplica às pessoas com um caráter definido que aparecem na narração, segundo Comparato. Os diretores, ao se proporem a contar uma história para o espectador e desenvolvê-la de forma ampla, constroem várias vertentes psicológicas na personagem para torná-la interessante ao público. Nas produções selecionadas para este artigo, os estereótipos comuns encontrados nas reportagens televisivas sobre as prostitutas, como mulheres frias, preguiçosas, pouco interessantes, não foram identificados nos filmes. O desenvolvimento psicológico, as causas e os porquês de estarem na prostituição, os diversos papéis sociais e a amplitude dessas mulheres, foram muito mais interessantes e pouco tendenciosas na construção da opinião do espectador, dando a devida oportunidade de ver os vários ângulos perante aquela mulher que possui a prostituição como forma de sobrevivência.

Referências Bibliográficas

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. São Paulo, SP: Sumus Editorial, 2009.

FILHO, Ciro Marcondes. **Televisão, a vida pelo vídeo**. São Paulo, SP: Editora Moderna, 17ª Edição, 2002.

LAGENEST, J.P. Barruel. **Mulheres em leilão: um estudo sobre a prostituição no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973.

LIPPMANN, Walter. **A opinião pública**, Editora Vozes, 2008.

RODRIGUES, Marlene Teixeira *apud* ROBERTS, Nickie. **A prostituição no Brasil contemporâneo um trabalho como outro qualquer**, Universidade de Brasília, 2009.

STANISLAVSKI, Constantin. **A Construção do Personagem**, Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 18ª edição, 2009.

SOVIK, Liv *apud* FILHO, Ciro Marcondes (org.). **Dicionário de Comunicação**. São Paulo, SP: Editora Paulus, 2ª edição, 2014.

Filmografia

CIDADE BAIXA. Direção: Sérgio Machado. Produção: Marcelo Torres. Brasil. (DE): VideoFilmes, 2005. 1 DVD.

EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS. Direção: Renato Ciasca e Beto Brant. Brasil. Produção: Bianca Villar e Renato Ciasca (DE): Sony Pictures, 2011, 1 DVD.

O CÉU DE SUELY. Direção: Karim Ainouz. Produção: Hengameh Panahi, Maurício Andrade Ramos, Peter Rommel, Thomas Haberle e Walter Salles. Brasil, França e Alemanha. (DE): VideoFilmes, 2006, 1 DVD.

Webgrafia

SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO. **O avesso da noite: prostituição.** Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/conexaoreporter/noticias/13063/-Conexao-Reporter-aborda-prostituicao-feminina-e-masculina.html>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

TV BANDEIRANTES. **Ronald Rios visita bairro onde só vivem prostitutas.** Disponível em: <<http://entretenimento.band.uol.com.br/cqc/2015/video/14803748/ronald-rios-visita-bairro-onde-so-vivem-prostitutas.html>>. Acesso em : 20 set. 2014.

TV GLOBO. **Mulheres que vivem da prostituição.** Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/profissao-reporter-conta-a-historia-de-mulheres-que-vivem-da-prostituicao-parte-1/2875132/>>. Acesso em: 20 out. 2014.

<<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/prostitutas-buscam-empregos-com-carteira-assinada-para-sair-das-ruas-parte-2/2875141/>>. Acesso em: 20 out. 2014.